



Rayane de Castro Guedes

O México Revolucionário no Cinema: Uma análise dos filmes *Viva Zapata (1952)* e *Emiliano Zapata (1970)*.

Rio de Janeiro

2018

O México Revolucionário no Cinema: Uma análise dos filmes *Viva Zapata (1952)* e *Emiliano Zapata (1970)*.

RAYANE DE CASTRO GUEDES

Instituto de História / CFCH

Bacharelado em História

Orientador: Prof. Wagner Pinheiro Pereira

Titulação: Doutor

Rio de Janeiro

2018

Esse trabalho é dedicado a muitas pessoas: primeiramente aos meus pais, Ilza e Carlos Guedes, ao meu companheiro Renan Bernardo, aos meus irmãos Camila e Rafael Guedes, minhas afilhadas, Mariana e Lilian Marie e as minhas melhores amigas em todo o mundo: Diana Jane, Priscila Paixão e Thayane Rodrigues.

Também dedico aos meus animais e companheiros de todas as horas: Tufão, Safira e Mel.

E esse trabalho também é dedicado para os que já não se encontram na matéria: a saudosa Vó Alice e ao querido amigo, Edwilhan Oliveira.

Agradeço ao Professor Wagner Pereira, por todo seu apoio e incentivo durante essa pesquisa. Agradeço também aos meus colegas de LHISCA, em especial: Thayane Rodrigues e Diana Jane por todos esses anos de amizade e companheirismo.

O México Revolucionário no Cinema: Uma análise dos filmes *Viva Zapata (1952)* e *Emiliano Zapata (1970)*.

Rayane de Castro Guedes

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof. _____ -Orientador

(Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, IH/UFRJ)

Prof. _____

(Prof, IH/UFRJ)

Prof. _____

(Prof, IH/UFRJ)

Lista de Figuras

Figura 1- Pôster do filme “Viva Zapata!”, lançado em 1952 (Dir. Elia Kazan, Estados Unidos, 1952)	16
Figura 2: Cena do filme “Viva Zapata”.....	21
Figuras 3 e 4- Cenas do Filme “Viva Zapata”.....	25
Figura 5: Pôster do Filme “Emiliano Zapata” (Dir. Felipe Cazals, México, 1970).....	31
Figura 6: Cena do Filme “Emiliano Zapata”.....	33

GUEDES, Rayane de Castro. **O México Revolucionário no Cinema:** Uma análise dos filmes *Viva Zapata (1952)* e *Emiliano Zapata (1970)*. Orientador (a): Wagner Pinheiro Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS / Departamento de História; 2018. Monografia (Bacharelado em História).

Monografia de Conclusão. Rio de Janeiro: IH-UFRJ, 2018.

A pesquisa pretende realizar uma análise de como a Revolução Mexicana e um dos seus principais líderes, o General Emiliano Zapata, estão sendo representados em dois filmes: *Viva Zapata* de 1952, uma produção dos Estados Unidos, e *Emiliano Zapata* de 1970 produzido no México.

Durante este estudo também nos interessou observar quais discursos sobre os “índios” as produções cinematográficas estão propagando, como também a imagem da América Latina e dos Estados Unidos.

ABSTRACT

GUEDES, Rayane de Castro. **O México Revolucionário no Cinema:** Uma análise dos filmes *Viva Zapata (1952)* e *Emiliano Zapata (1970)*. Orientador (a): Wagner Pinheiro Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS / Departamento de História; 2018. Monografia (Bacharelado em História).

The research intends to carry out an analysis of how the Mexican Revolution and one of its main leaders, the General Emiliano Zapata, are being represented in two films: *Viva Zapata* of 1952, a production of the United States, and *Emiliano Zapata* of 1970 produced in Mexico.

During this study we were also interested to observe which discourses on the "Indians" the film productions are propagating, as well as the image of Latin America and the United States.

SUMÁRIO

Introdução	10
Parte I: A Revolução Mexicana pela ótica dos Estados Unidos, o caso de “Viva Zapata”.....	
....15	
1.1: O polêmico Elia Kazan.....	15
1.2 O Zapata de Kazan: o desordeiro que não queria ser líder.....	17
1.3 A América Latina x Estados Unidos.....	22
1.4 A questão “indígena”.....	24
1.5 Kazan e a visão pessimista da Revolução Mexicana.....	27
1.6 O Exército Libertador do Sul: um movimento sem objetivos?.....	29
Parte II: A Revolução Mexicana pelos mexicanos, o caso de “Emiliano Zapata”.....	
....31	
2.1 O “subversivo Emiliano Zapata (1970)”.....	31
2.2 Zapata por Antonio Aguilar e Felipe Cazals: “o líder”.....	33
2.3 O Exército Libertador do Sul: “Bandidos?”.....	36
2.4 México e selvageria: o estereótipo do mexicano.....	39
2.5 Zapata e Villa: O sol do sul e o Sol do Norte.....	40
2.6 A visão otimista da Revolução Mexicana	41
Conclusão.....	43
Referências Bibliográficas:	46

Introdução:

A Revolução Mexicana¹ teve o seu estopim em 1910, ano em que o México completou 100 anos de independência com uma grande festa e também da 7ª reeleição de Porfírio Diaz para a presidência da República. De acordo com Alan Knight, Diaz “criou um regime forte e centralizado em torno de sua própria figura.”²

E ao se eleger novamente presidente em 1910, Porfírio Diaz gerou muita revolta dos opositores, visto que em entrevista ao jornalista James Creelman, publicada em 1908 na revista *Pearson's Magazine*, dos Estados Unidos, disse que não se reelegeria nas próximas eleições, pois o México já estaria pronto para uma “vida livre”.³

A partir dessa resposta criou-se grande expectativa para as eleições de 1910, Francisco Madero estaria na disputa pela presidência, fazia parte de uma das famílias mais ricas do país, rodou o território nacional fazendo campanha, mas acabou trancafiado em uma prisão por “insuflar a rebelião” e Porfírio Diaz ganhou mais uma vez com fraude eleitoral.

Madero depois de fugir da prisão e viajar para os Estados Unidos lançou o *Plan de San Luis Potosí*, marcando dia, 20 de novembro de 1910, para que uma revolta começasse com o objetivo de derrubar Diaz e fazer novas eleições.

Nesse período o México era uma sociedade majoritariamente rural e a maior parte da população era composta por índios e mestiços, que fizeram parte dos movimentos revolucionários em todas as fases da Revolução Mexicana, sobretudo na luta pela recuperação das terras perdidas e da reforma agrária.

O resgate dessas terras era entendido como uma demanda ancestral, nascida com a Conquista. Os espanhóis que vieram para a colonização da América, em específico para a região do que se tornaria o México, ganharam grandes porções de terra. O próprio Clero foi lentamente conseguindo terras, até se tornar o maior proprietário de

¹ A Revolução Mexicana é um tema muito estudado no México e na América Latina, em que se destacam vertentes historiográficas tradicionais e revisionistas, debates também em torno da periodização da revolução. Aqui trabalhamos com a periodização de 1910-1940, visto que muitas das demandas da revolução só serão alcançadas e postas em prática, na década de 1940 com o governo de Lázaro Cárdenas.

² KNIGHT, Alan. *La Revolución mexicana. México: Fondo de Cultura Económica*, 2010, p.41. Tradução Própria.

³ HERZOG, Jesus Silva. *Breve Historia de La Revolucion Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p.72-73

latifúndios. As famílias indígenas recebiam uma pequena parcela de terra, onde eram obrigados a cultivar.

Jesus Silva Herzog em seu livro *“Breve Historia de la Revolucion Mexicana”*, traz o dado de que Bernardo Ward, que foi Conselheiro do Rei Fernando VI da Espanha e também Ministro da Real Junta de Comércio e Moeda, aconselhava em seu livro “Projeto Econômico” que as terras também fossem divididas entre os indígenas, que essa seria a forma mais importante para se resolver os problemas na América, mas não foi um conselho que recebeu atenção.⁴

Em 25 de Junho de 1856 foi decretada a lei de desamortização onde a igreja perdeu suas terras e os índios, suas terras comunais. Com o passar dos anos as *haciendas* foram também cada vez mais se expandindo em direção aos *pueblos* indígenas. Em 1910 a concentração de terras nas mãos de poucos, teve seu auge, e a mão de obra usada nessas *haciendas* era, em sua maioria, composta por esses indígenas despojados de suas terras.

O pensamento geral da época não era muito favorável aos índios, caracterizados como submissos ou selvagens, o presidente Porfírio Diaz ainda na entrevista a revista americana *Pearson’s Magazine*, vai dizer que os índios estavam acostumados a obedecer e a serem “tutelados”. Essa entrevista foi publicada ainda em periódicos mexicanos ligados ao governo como o *El Imparcial*.⁵

Essa representação dos índios como os que “gostam” de serem governados era comum e muito perpetuada na época, com o próprio presidente reforçando essa idéia. Não estavam inseridos na lógica do progresso do país, alguns inclusive apontavam que a solução seria uma imigração branca como na Argentina.

Então, diante de toda essa conjuntura, os povos indígenas atenderam ao chamado de Madero e lutaram pela caída de Porfírio Diaz, na esperança de recuperarem suas terras. A partir daí, surgiram vários movimentos revolucionários, que apesar de objetivos distintos, lutaram juntos pela derrota de Porfírio.

Um desses movimentos conhecidos como a Divisão do Norte, foi liderado por Francisco “Pancho” Villa, um “bandido”, que tinha como verdadeiro nome, Doroteo Arango, e que chegou a invadir os Estados Unidos em 1916 e teve o seu rosto

⁴ HERZOG, Jesus Silva. *Breve Historia de La Revolucion Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p.10.

⁵ Idem, p. 72.

estampado como procurado nos jornais dos EUA, além de uma expedição punitiva pelo governo “americano”.

Alan Knight considera Villa o bandido rebelde mais famoso da Revolução Mexicana. Defende também que os bandidos de forma geral não dependiam de intimidar o povo para conseguir apoio. E sobre a participação nas revoltas: “Quando começou a rebelião popular, o bandido- com suas habilidades especiais, conhecimento da localidade e reputação popular- alcançou um lugar proeminente.”⁶ Villa foi de “fora da lei” a general revolucionário, apoiando Francisco Madero e fazendo parcerias com o líder do Exército libertador do Sul, o também General Emiliano Zapata.

Mas a demora do movimento Revolucionário de Madero em fazer a redistribuição de terras, vai fazer com que outros movimentos, como o Zapatista, rompam com ele e tracem seus próprios objetivos. Em 1911, o movimento Zapatista chega a criar seu próprio plano, o *Plan de Ayala*, que além de pontuarem seus objetivos, denunciam Francisco Madero como um traidor da Revolução, porque apesar de pedir que o exército Libertador do Sul, entregasse suas armas, defendia uma reforma agrária lenta e gradual, feita por leis e não à força, ou seja, levaria tempo até que se concretizasse, tempo esse que os outros movimentos revolucionários não queriam esperar.

Sobre Emiliano Zapata, figura central deste trabalho, John Womack Jr. escreveu:

“Zapata ocupa um lugar destacadíssimo em estas páginas não porque ele mesmo tratou de chamar a atenção sobre si, mas porque os camponeses de Morelos o fizeram seu chefe e recorriam a ele para que os guiassem, e porque outros camponeses da República fizeram dele seu paladino. Através dele, os camponeses abriram caminho na Revolução Mexicana. Se a sua não foi a única experiência revolucionária, foi, creio eu, a que teve maior significado.”⁷

Com a caída de Madero, com o golpe promovido por Victoriano Huerta, militar e ex porfirista, deu-se início a uma nova fase da Revolução, onde surgiram “novas lideranças” como Venustiano Carranza. Segundo Alan Kight, Carranza nunca foi de fato um Madeirista, pois achava Francisco Madero muito “suave e conciliador”⁸. Carranza também lançou um plano, o *Plan de Guadalupe* em 1913, que tratava essencialmente da união para derrotar Huerta, não vai dedicar nenhum artigo a questão

⁶ KNIGHT, Alan. *La Revolución mexicana. México: Fondo de Cultura Económica*, 2010, p. 188. Tradução Própria.

⁷ WOMACK, John Jr. *Zapata y la Revolución Mexicana. México, SXXI, 1969, p. XII. Tradução Própria.*

⁸ KNIGHT, Alan. *La Revolución mexicana. México: Fondo de Cultura Económica*, 2010, p. 651.

indígena ou a reformas sociais, sendo alvo de críticas por esse mesmo motivo. Quando esse movimento chegou ao poder em 1917, promulgou uma nova constituição que trouxe pontos importantes para a questão indigenista: reforma agrária, devolução de terras de tribos indígenas que foram usurpadas e permissão para terras comunitárias, mas esses pontos não foram efetivamente postos em prática.

E os meios de comunicação, em especial aqui o cinema, tiveram importante papel no diz respeito à construção de uma identidade nacional e aos usos políticos da figura da Revolução Mexicana e também dos Generais Revolucionários, como o Líder do Exército Libertador do Sul, Emiliano Zapata. Sobre isso, Sergio Florencio escreveu no livro “Os Mexicanos”: “A produção de filmes de temática história, sobretudo no México, mas igualmente em outros países, como a antiga União Soviética, está intimamente ligada ao processo de reconstrução do passado com o objetivo de reforçar ou moldar a idéia de nação e de identidade nacional.”⁹

O Professor Wagner Pinheiro Pereira ao discutir a relação entre História e Cinema afirma que o “cinema/filme deve ser tomado como agente histórico, objeto de estudo e fonte documental para o historiador, como veículo que expressa ideias, imagens, aspirações e esperanças, medos e preconceitos de uma determinada sociedade e de seu tempo”.¹⁰ Ou seja, não são “imparciais” ou isentos de opiniões sobre os temas que estão apresentando, muito pelo contrário. Sobre os cuidados e a metodologia ao se analisar uma produção cinematográfica, escreveu o historiador Marc Ferro:

“(…) empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa.”¹¹

E a Revolução Mexicana apesar de ter sido a primeira Revolução social do século XX, tem sido obscurecida pela Revolução Russa de 1917 e pela Revolução

⁹ FLORENCIO, Sergio. Os Mexicanos. São Paulo:Contexto, 2014, p. 170.

¹⁰ PEREIRA, Wagner Pinheiro. O poder das Imagens: Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945). São Paulo: Alameda, 2012.

¹¹ FERRO, M. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976., P. 06

Cubana em 1959, assim como os “principais” nomes da Revolução Mexicana são pouco conhecidos, afinal são “apenas índios e mestiços”.

Assim, o nosso objetivo nessa pesquisa é de justamente analisar as representações da Revolução Mexicana e do General Emiliano Zapata por meio dos filmes, no primeiro capítulo discutiremos a respeito do filme “Viva Zapata” (1952), produção essa feita pelos EUA, e no segundo capítulo trataremos sobre “Emiliano Zapata” (1970) produzido no México.

A primeira produção trouxe um jovem Emiliano Zapata, envolvido não só na luta revolucionária, durante os anos em que atuou na Revolução Mexicana, mas também em problemas amorosos, dilemas pessoais e familiares. Narra a trajetória de Emiliano desde antes do estopim da Revolução, até o momento de sua morte.

A segunda produção cinematográfica, produzida pelo México, trouxe um Zapata mais maduro, muito mais focado nos problemas do povo, que os seus. Também vai narrar os caminhos de Emiliano antes e durante o movimento revolucionário até o fim da vida do Chefe do Exército Libertador do Sul.

Em ambas as produções, observamos os seguintes aspectos: os discursos legitimadores ou não da causa revolucionária, a construção da imagem do General Emiliano Zapata, os discursos sobre os “índios” e a representação do próprio México e da América Latina, contidos nas produções cinematográficas.

Parte I: A Revolução Mexicana pela ótica dos Estados Unidos, o caso de “Viva Zapata”.

1.1 O polêmico Elia Kazan

O primeiro filme que aqui estaremos analisando, “Viva Zapata”, foi lançado em 1952, com a direção de Elia Kazan, de nacionalidade turca, mas criado nos Estados Unidos, ano esse que ficou marcado não só pelo lançamento do filme que contaria com Marlon Brando como protagonista, mas também por uma delação que Kazan participou.

Neste período os Estados Unidos, país da produção cinematográfica, estava vivenciando uma “caça” aos movimentos de esquerda e o cinema não ficou de fora dessa perseguição. Sobre isso escreveu Andrea Helena de Fázio:

“A década de 50 nos Estados Unidos caracteriza-se principalmente pela histeria anticomunista, também conhecida como caça às bruxas ou macarthismo (alusão ao senador Joseph McCarthy). A perseguição dos comunistas, acusados de atividades subversivas contra o Governo, atingiu todos os setores da política e da sociedade norte-americanas, e a indústria cinematográfica foi um dos principais alvos.”¹²

Então, com toda essa atmosfera, Elia Kazan decidiu delatar seus ex-companheiros de partido comunista. E esse ato vai marcar muito a produção do filme, com visões pessimistas sobre a Revolução Mexicana e os diferentes movimentos revolucionários representados no filme, em especial o movimento Zapatista.

¹² FÁZIO, Andréa Helena de. Viva Zapata!, de Elia Kazan: um olhar norte americano sobre a América Latina durante o período marcartista (1950-1954). In: Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória:2008, p. 1. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/andrea_fazio.pdf acesso em Agosto/2017.



Figura 1- Pôster do filme “Viva Zapata!”, lançado em 1952 (Dir. Elia Kazan, Estados Unidos, 1952)
No pôster temos a representação de Marlon Brando, como Emiliano Zapata, com seu interesse amoroso, Josefa. No plano inferior da imagem, temos o Exército Libertador do Sul.

E essa delação marcou também toda a vida e trajetória de Kazan, que ao receber uma homenagem no Oscar em 1999, 47 anos após o ocorrido, viu grande parte da platéia não o aplaudir, e até vaiar, em referência a seus atos em 1952.¹³

Durante visita ao Brasil em outubro de 2011 a viúva de Kazan, a escritora Frances Kazan, ao ser questionada sobre a questão da delação, respondeu que: “o marido nunca teria conversado com ela sobre o assunto, mas escreveu extensivamente sobre o trauma de ter sido visto, por boa parte da vida, como traidor em suas memórias, Elia Kazan: *A Life*.”¹⁴

¹³ Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/para-viuvade-eliazan-hollywood-sempre-ligara-diretor-ao-macartismo.html> acesso em Dezembro/2017.

¹⁴ Notícia disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/os-segredos-na-obra-de-eliazan-9u60ed0d3ubl8427fbmsw1fy> acesso em 16/04/2018.

Segundo De Fazio em “Entre Cinema e Política: Repensando a autora de Viva Zapata! de Elia Kazan”, Kazan e John Steinbeck (roteirista do filme) convidaram Gabriel Figueroa para a direção fotográfica, mas este recusou, pois em sua opinião:

“Nem ele [Steinbeck] nem Kazan sabiam nada de Zapata e da história mexicana. E eu de Zapata era uma autoridade. Era zapatista desde criança, quando tinha quatro anos. Os zapatistas vinham comer na minha casa, um tio meu fazia discursos zapatistas nas praças e teve até um primo meu que partiu com eles. Assim é que eu estava muito bem envolvido com a história de Zapata. Por isso não quis fazer o filme.”¹⁵

De Fazio também acredita que a cena logo no início do filme, onde há uma lista com os nomes dos camponeses na mesa de Porfírio Dias e o nome de Zapata é sublinhado como uma “ameaça”, seria uma referência à caça aos comunistas, com as “listas negras” entregues as autoridades dos EUA.

O filme em preto e branco trouxe um México selvagem, típico dos “*faroestes*” produzido pelos EUA, mostrando os conflitos dos movimentos revolucionários, sobretudo

“2 movimentos que se enfrentaram durante o processo revolucionário: em primeiro lugar o projeto burguês representado por Madero, em segundo lugar temos uma revolução popular camponesa, no norte a de Villa que reivindicava reforma agrária e a entrega e ranchos para os pobres, e no sul se desenvolveu o Zapatismo.”¹⁶

Principalmente o Zapatismo, tema central do filme, mas como um exército desorganizado, como analisaremos posteriormente.

1.2 O Zapata de Kazan: o desordeiro que não queria ser líder

O filme se inicia com uma típica música de “*faroeste*”, mostrando os camponeses de *Morelos* reivindicando para Porfírio Díaz, suas terras roubadas pelas

¹⁵ CACOFF, Leon. *Gabriel Figueroa: o mestre do olhar*. São Paulo: Edição da 19ª Mostra Internacional de Cinema, 1995, p. 38.

¹⁶ NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. O Filme “VIVA ZAPATA”, Modernização Mexicana e Resistência Camponesa em inícios do século XX: Algumas Questões. In: *Raízes*, Vol. 25. Campina Grande: 2006, p. 1. Disponível em : http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_176.pdf acesso em Agosto/2017.

grandes *haciendas*. O então Presidente Porfírio pede tempo e paciência e diz não poder fazer muita coisa pela comitiva, Zapata é o único a contestar Díaz dizendo:

“Com milho fazemos tortilhas, não paciência. E paciência não passa por cercas guardadas”.

Emiliano Zapata fala isso em referência às terras roubadas, que além de cercadas tem a segurança feita pelos *rurales*, uma espécie de milícia a serviço dos grandes proprietários de terra. A esta fala, Díaz fica bravo e circula o nome de Zapata no papel do requerimento, de modo a sinalizar que ficaria “de olho” no camponês desordeiro.

Esta cena mostra o potencial de Emiliano Zapata em ser o líder dos camponeses de *Morelos*, na luta pela recuperação das terras espoliadas, mas aqui nesta produção cinematográfica, Zapata não queria ser o líder, está mais preocupado com sua vida privada.

Como escreveu Ernando Brito Gonçalves Junior: “apesar do filme ter como foco um “herói” mexicano, Zapata estava longe de ser um típico herói hollywoodiano, pois o mesmo constantemente estava atormentado, indeciso e frustrado.”¹⁷ E esse jovem Zapata apresentado no filme, quer ser bem sucedido na vida, não ser o líder. Quer uma vida tranqüila para casar-se com a mulher amada, Josefa, que diz não a proposta de casamento feita por Zapata, pois não se casaria com um pobre camponês sem nada a oferecer, ela diz ainda que “a família Zapata não tem mais dinheiro, nem terras e que ele acabará na cadeia.”

Zapata está tão concentrado em sua vida privada que recusa ir até Francisco Madero, não se tornaria um General da Revolução, por causa de Josefa. Ao contrário, ele aceita um emprego, trabalhando com cavalos em uma fazenda, para poder ser um “bom pretendente” para sua amada Josefa.

Mas apesar de não querer ser um líder, Zapata não suporta injustiças e acaba mais uma vez “arrumando confusão” na fazenda onde trabalha, batendo em um capataz que agrediu um pequeno índio que comia a comida dos cavalos. No meio desta situação, o dono da fazenda aconselha Emiliano, que agora ele tem boas roupas, um trabalho, “que Zapata não pode ser a consciência do mundo”.

Mas Zapata não consegue manter-se longe de “confusões” e ao ver um camponês sendo arrastado vivo por um cavalo por obra dos *rurales*, Zapata o salva

¹⁷ JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. P 9. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto 2017.

“selando” o seu destino e sendo preso posteriormente na casa de Josefa, quando falava suas intenções com a moça para a família dela. Obviamente o pai de Josefa recusa a proposta de Zapata, desdenhando de sua condição financeira e vibra com a prisão do camponês, afinal não iria querer sua filha metida com esse “tipo de gente”.

No momento da prisão de Emiliano, fazem questão de despojar-lhe de suas belas roupas, um sinal de status, levando o preso com uma corda pelo pescoço como um animal. Essa é uma cena crucial do filme, pois os camponeses unidos salvam Zapata. A partir daí, Emiliano não tem mais como “fugir”, tornando-se assim, o líder desses camponeses. Um líder mais por pressão do que por vontade própria.

A vida de Zapata, agora como General Emiliano Zapata, muda completamente. Ganha poder e status, recebia regalias e homenagens de todos, incluso do pai de Josefa, que o chama de “Dom Emiliano”, e também da própria moça, afinal Zapata não era mais um simples e pobre camponês.

Em carta enviada por Madero, Zapata recebe o título de “General do Sul”, elevando ainda mais sua importância. Quando chega a notícia de que Porfírio Díaz fugiu do país, o agora General Emiliano Zapata diz que “a luta acabou!”, e a pergunta que fica é: que luta foi essa? Quais foram os objetivos?

Em meio ao clima de festa pelo “fim da luta”, Zapata realiza o sonho de se casar com Josefa e desabafa com ela sua irritação e vergonha por não saber ler, realidade essa da grande maioria dos mexicanos na época retratada na produção.

No grande encontro entre Madero e Zapata, o General Sul questiona quando serão devolvidas as terras aos camponeses, recebendo uma resposta parecida com a de Díaz no início do filme: que precisariam ter paciência, afinal, tudo seria feito dentro das leis, pois esse era um governo constitucionalista e oferece para Zapata um rancho, ao que Zapata responde: “não lutei por um rancho”, e destaca ainda que Madero fala demais assim como o antigo ditador Porfírio Díaz.

Eufemio, irmão de Zapata, o aconselha a aceitar o tal rancho para si, pois eles próprios não têm nada, mas o mesmo não aceita, recusando também depor as armas, pois não podia esperar pelas leis de Madero para fazer a devolução das terras. E a figura do General Victoriano Huerta, um ex- porfirista, aparece aconselhando Madero a assassinar Zapata e acabando assim com a rebeldia do Sul.

Mas quem acaba fuzilado por Huerta é o próprio Madero, dando início a uma nova fase da revolução. E dando lugar a um novo Zapata também, um Zapata mais

sanguinário que manda fuzilar traidores e seu próprio amigo de infância por ter mantido relações com Madero, desobedecendo suas ordens.

E em uma fala de seu ex amigo de infância, vemos indícios de um ponto que discutiremos mais adiante nesta análise: a visão pessimista da revolução. O amigo, antes de ser fuzilado pelo próprio Emiliano, o questiona: “Pode a bondade advir de tanta violência?”, deixando o General pensativo. Segundo De Fazio:

“Emiliano Zapata é ambíguo, utiliza a violência para atingir seus objetivos, se mostra radical ao executar seu amigo Pablo Gomez, insensível ao ignorar as opiniões e pedidos de Josefa. Enfim, Zapata é humano, e não um personagem idealizado como um estereótipo do “mocinho” hollywoodiano.”¹⁸

O General Pancho Villa aparece no filme e diz que não há ninguém mais para ser Presidente do México, apenas Zapata, que recusa num primeiro momento, mostrando-se incomodado inclusive em sentar na cadeira presidencial para uma foto. Villa como outras personagens durante o filme, mostra sua desilusão com a Revolução, dizendo que só quer ir pra casa, pois “Você derrota um, outros dois aparecem”, como se a Revolução fosse uma luta sem fim, Villa é representado então como um desiludido com luta, dizendo só querer ir para seu rancho, pois ao contrário de Zapata, aceitou terras em benefício próprio.

E a questão de conseguir bens em benefício próprio, vai ser um ponto fundamental. Zapata apesar de ter se tornado um dos principais líderes da Revolução Mexicana, não tem nada, o próprio pai de Josefa reclama disso com sua filha, pois tinha a esperança do genro se tornar um rico senhor.

Eufemio, irmão de Zapata, mais adiante na produção cinematográfica, ao ser acusado de roubar as terras devolvidas aos camponeses, diz

“Sou um General! Veja meu pagamento: poeira! Nem posso comprar tequila! Derrotamos Díaz. Ele mora em um palácio em Paris. Derrotamos Huerta. Ele é rico e mora nos Estados Unidos. Tenho que pedir esmola na vila, para quem nunca disparou uma arma! Sou um General e vou agir como tal!”

¹⁸ FAZIO, Andréa Helena Puydinger. Entre Cinema e Política: repensando a autoria de Viva Zapata!, de Eliz Kazan. In: *Domínios da Imagem*, N° 9. Londrina: 2011, p. 10. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23382/17078> acesso em Março de 2018.

E chama Zapata de “aberração” por pensar diferente, pois não conseguiram nenhum benefício com a revolução, pelo contrário, ficaram ainda mais pobres que antes do início dos confrontos.

E Zapata, por pressão de Villa, torna-se de certa forma “presidente” do México, apesar de não querer que o chamem dessa forma. E vemos mais um “lado” do General: o de ditador. E o que a produção cinematográfica trouxe como discurso é que os homens acabam por se corromper, com Madero também foi assim e de igual forma, Emiliano Zapata.

O general do exército libertador do Sul só se dá conta de sua postura, quando uma comitiva de *Morelos* aparece, assim como no início do filme, para contestar as terras que Eufemio havia roubado. Zapata diz que quando tiver tempo irá averiguar a denúncia. E um camponês da comitiva, assim como Zapata o havia feito no início com Porfírio Díaz, diz que para camponeses não há tempo a perder e sim de plantar. Zapata faz então o mesmo ato de Díaz: circula o nome do “encrenqueiro” na petição dos camponeses.



Figura 2: Cena do filme “Viva Zapata”- Quando Zapata é questionado por uma comissão de Morelos, sobre a repartição de terras.

E só a partir deste ato, que Zapata se dá conta no que se transformou, largando o seu posto e indo com os camponeses para seu Estado Natal averiguar a denúncia. Daí o diálogo aqui já apresentado, entre Eufemio e Emiliano, sobre a situação financeira deles, mesmo como Generais da Revolução, permanecem na miséria.

Com a corrupção do irmão e a sua própria, Zapata discursa aos camponeses dizendo que não há líderes sem defeitos, que existem apenas homens como eles, que esses homens podem mudar pra pior, que somente um povo forte seria a força duradoura para a luta por uma sociedade melhor.

O filme é finalizado com o assassinato de Zapata, fruto de uma traição. O corpo do general é exposto para o povoado como o “exemplo” que não deve ser seguido, mas os camponeses colocam em dúvida se aquele é mesmo o grande General Emiliano Zapata, pois Zapata jamais seria pego, estaria na verdade, nas montanhas com seu cavalo, sempre vigilante pela luta camponesa, apesar de toda a visão pessimista da produção.

1.3 América Latina X Estados Unidos

Na produção cinematográfica dirigida por Kazan há uma preocupação com a questão da representação das identidades da América Latina e do país de produção, os Estados Unidos. E as diferenças são apresentadas de formas bem marcadas, a América Latina é o cenário de caos, de selvageria, de falta de “civilização”, ao contrário dos EUA, berço da democracia e civilização.

Então, a identidade nacional dos Estados Unidos, é mostrada em oposição à do México, como um povo civilizado, culto, lugar onde a democracia funciona. Sendo assim um “bom exemplo” a ser seguido. Sobre isso, o Historiador Jean Carlos Moreno escreveu em seu artigo “Revisando o conceito de identidade nacional”: “Se o discurso não cria, ele ao menos organiza a diferença, produzindo identidades que se consolidam em processos sociais e se expressam por meio de ações simbólicas, textos e contextos.”

19

E os meios de comunicação, em especial aqui o cinema, têm um papel importante na construção e reprodução desses discursos identitários, segundo Anderson:

“[...] nas políticas de “construção da nação” dos novos Estados, vemos [...] um autêntico entusiasmo nacionalista popular ao lado de uma instilação sistemática, e até maquiavélica da ideologia nacionalista através dos meios de

¹⁹ MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p3 Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-03.pdf>> acesso em 22/08/2017

comunicação de massa, do sistema educacional, das regulamentações administrativas, e assim por diante.”²⁰

E isso fica bem nítido na construção de dois importantes personagens: Eufemio Zapata e Fernando Aguirre. Eufemio seria o típico mexicano, um selvagem que gosta de matar. Ao encontrar Fernando Aguirre, um enviado de Madero, tem como principal pensamento: matar o homem e destruir sua máquina de escrever, que Aguirre chama de “a espada da mente”, algo que Eufemio não poderia entender. Uma conversa entre os personagens pontua bem essa diferenciação:

EUFEMIO: Se Madero está nos Estados Unidos, por que não o prendem?

AGUIRRE: Lá, eles protegem refugiados políticos.

EUFEMIO: Por quê?

PABLO: Porque eles são uma democracia.

EUFEMIO: Somos uma também, e olhe.

PABLO: Eu sei, mas...

AGUIRRE: Eu explico. Lá, o governo tem o consentimento do povo. O povo tem voz. O presidente governa com o apoio do povo. Aqui, o presidente não tem esse apoio. Quem perguntou se queríamos Díaz durante 34 anos?

EUFEMIO: Ninguém me perguntou nada.

Kazan representa os Estados Unidos como superiores, como aqueles que sabem gerir o seu próprio destino, ao contrário da América Latina, que precisa ser tutelada. Sobre o contexto de produção do filme, a Guerra Fria, diz Luis Fernando Ayerbe: “A América Latina é considerada incapaz de cuidar de si mesma”²¹, ou seja, precisaria se civilizar, se “americanizar”. Sobre essa “superioridade” dos EUA escreveu Fázio:

“Essa forma de ver os latino-americanos se reflete nas produções culturais, inclusive se torna um tema muito recorrente no cinema. Desde o começo do cinema nos Estados Unidos, é bastante forte o tema do velho oeste, em que o cowboy valente deve derrotar a ameaça dos índios e dos mexicanos na fronteira. A figura do mexicano ameaçador e hostil, que combina o aspecto selvagem dos índios com a inferioridade cultural e religiosa dos hispânicos, acabou se transformando na figura principal do imaginário norte-americano.”²²

²⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 164.

²¹ AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 39.

²² FÁZIO, Andréa Helena de. Viva Zapata!, de Elia Kazan: um olhar norte americano sobre a América Latina durante o período marcartista (1950-1954). In: *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Vitória:2008, p. 15. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/andrea_fazio.pdf acesso em Agosto/2017.

Percebemos então, como a imagem do México e da América latina de forma geral, é estereotipada, segundo Sergio Florencio o cinema dos Estados Unidos costuma colocar o mexicano como *bandolero* indolente viciado em álcool²³. E percebemos bem isso nesta produção, sobretudo no que se refere à figura de Eufemio Zapata. O México como lugar onde a democracia não funciona, lugar de violência e incivilização tendo como alvo chave os indígenas, próximo ponto que iremos tratar nesta pesquisa.

1.4 A questão indígena

Apesar de aqui usarmos o termo “índio” entendemos ser essa denominação extremamente preconceituosa, criada no contexto da conquista da América no século XV na tentativa de “encaixar” centenas e centenas de etnias em uma só categoria: a de índios.

Esse conceito não vai levar em consideração as especificidades de cada povo, seus diferentes idiomas e costumes, vai caracterizar os povos dominados após a chegada dos europeus. Guilherme Bonfil Batalla vai destacar em seu texto *“El concepto de indio en América: Una categoría de la situación colonial”*, que não existia “índios” antes da chegada de Colombo, mas sim sociedades com diferentes identidades²⁴.

Batalla, ainda no mesmo texto, vai mostrar que na própria discussão da definição do que seria ser índio, podemos ver exemplos de preconceitos e racismos, onde o ser índio estaria relacionado “a inferioridade” em relação aos outros ou que seriam “mais fáceis” de serem explorados e dominados.

O índio no contexto da revolução mexicana era, de acordo com Knight, considerado um obstáculo para o progresso do país.²⁵ E o “velho” preconceito aos índios é bem marcado no decorrer do filme. O interesse amoroso de Zapata, Josefa, menciona mais de uma vez, não querer casar com ele, pois não quer acabar como uma índia. Em uma das cenas ela diz “Não quero acabar lavando roupas no canal e fazendo tortilhas como uma índia”.

²³ FLORENCIO, Sergio. *Os Mexicanos*. São Paulo:Contexto, 2014, p. 176.

²⁴ BATALLA, *Guilherme Bonfil*. *El concepto de indio en América: Una categoría de La situación colonial*. In: *Anales de Antropología*. México: 1972, p 110. Disponível em: http://www.journals.unam.mx/index.php/antropologia/article/view/23077/pdf_647 acesso em 12/2016

²⁵ KNIGHT, Alan. *La Revolución mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2010, p. 32.

Ou seja, Josefa queria um “outro tipo” de vida, ser índia não era uma boa posição social ou algo bem visto.



Figuras 3 e 4- Cenas do Filme “Viva Zapata”- Nesta cena Emiliano Zapata e Josefa se encontram na Igreja e quando Zapata propõe matrimônio, a mulher responde com seu preconceito para com as índias.

Outro tradicional preconceito contra o indígena seria a “preguiça” desses nativos. Comentário recorrente desde a conquista da América até os dias atuais. Na produção cinematográfica aqui analisada, é algo que também esteve presente.

Durante o curto período que Zapata decide trabalhar com cavalos em uma fazenda, justamente para conseguir dar outro tipo de vida para Josefa e não a de uma “simples” índia, um funcionário do lugar enfatiza o tempo inteiro o quanto os índios são um bando de preguiçosos que não gostam de trabalhar, em uma das cenas ele diz para Emiliano Zapata:

“Quando não estão dormindo, estão roubando, se não estão roubando, estão dormindo. Se estão acordados estão bêbados”.

Podemos perceber o discurso negativo que o filme faz ao representar o nativo, forma essa dos Estados Unidos ver não só o índio, mas como o latino americano de forma geral. Como aqueles que não se “esforçam” o suficiente, que só pensam em bebidas e mulheres.

Em outro ponto do filme, temos o pai de Josefa, após Zapata pedir a mão de sua filha em casamento, declarar:

“mesmo que sejamos feitos do mesmo barro, um vaso não é pote”.

Ou seja, eles não são iguais. Zapata não está no mesmo nível da família de Josefa, nem teria potencial pra ser, afinal o pai não daria seu consentimento para um casamento onde a filha acabaria como uma índia. Obviamente tudo muda quando Zapata se torna um General da Revolução, ganhando assim a permissão para o casamento.

Durante um ataque dos Zapatistas, iniciado por índias que com seus cestos com ovos disfarçam o ataque surpresa, um soldado Porfirísta diz:

“Não confio em índias”.

Essa é mais uma das facetas desses preconceitos: o índio não ser confiável, o indígena ser o traiçoeiro e o traidor, exemplo disso é a representação do próprio Eufemio Zapata que discutimos anteriormente. Uma forma muito comum dos nativos serem representados e nessa produção não foi diferente.

Percebemos então, que a imagem do indígena é construída de forma negativa, cercada de estereótipos, sobre isso a antropóloga Alcida Rita Ramos escreveu em

seu artigo “Indigenismo: um orientalismo americano” que se inspira na obra de Edward Said, já que para a autora o índio é na verdade “indianizado”, ou seja, é construído. Ramos sobre as diversas representações indígenas vai escrever:

“E assim, a insustentável ambivalência do ser índio insinua-se por todos os lados, criando um meio fértil para a propagação de tantos índios quantos forem os agentes interessados em construir esse edifício fascinante, multifacetado e, por vezes tão impossível de decifrar (...)”.²⁶

1.5 Kazan e a visão pessimista da Revolução

Esse é sem dúvida um dos pontos mais marcantes do filme, a idéia de que a Revolução Mexicana não serviu pra “muita coisa”, que pouco mudou a vida dos camponeses, após o conflito armado. Só trouxe mortes e mais violência para um México e uma América latina já violenta.

Pablo, amigo de Zapata, é acusado de traição, pois mesmo após o General do Exército Libertador do Sul ter proibido o contato com Francisco Madero, Pablo continuou mantendo relações com o Presidente, falta essa que é punida com a morte pelas mãos do próprio Zapata.

Mas antes de morrer, Pablo tratou de falar o quanto a Revolução estava sendo maléfica: a destruição das colheitas e as muitas matanças. E termina questionando Zapata:

PABLO: “Pode a bondade advir de tanta violência?”.

Já colocava aí a dúvida se o movimento revolucionário realmente traria algo de bom, ou só somente morte e violência.

O próprio Francisco Villa, líder da divisão do Norte que chegou a invadir território dos Estados Unidos em 1916, é representado como desacreditado e cansado da Revolução. Ele diz na produção cinematográfica, no momento de seu encontro com Zapata, que só quer ir para seu rancho,

PANCHO VILLA: “Você derrota um, outros dois aparecem”.

²⁶ RAMOS, Alcida Rita. *Indigenismo: um orientalismo americano*. Anuário Antropológico. 2012, p. 30. Disponível em: <https://aa.revues.org/268> acesso em 12/2016.

E um ponto interessante a destacar é que enquanto Villa tem essa conversa com Zapata, os camponeses dizem que os dois estão “decidindo o futuro do México”, mas Villa quer apenas ir para o seu recém conquistado rancho.

Um ponto marcante, que já discutimos aqui, é a cena em que Eufemio rouba as terras dos camponeses para si, reclamando com o irmão, que a Revolução não mudou a sua vida para melhor, continua pobre.

A própria Josefa, também questiona se houve mudanças positivas após os anos de luta:

“Com tanta briga e morte, o que mudou realmente?”.

E pra quem estava preocupada em se casar e ter uma vida de pobreza é justamente o que acontece com eles, vivendo fugindo e se escondendo, junto das outras índias que ela tanta desprezava.

E como já destacamos, os filmes não são isentos de opiniões e ideologias, muito pelo contrário, essa visão pessimista da Revolução vai muito do que o próprio diretor estava vivendo e fazer um filme com um discurso positivo sobre o movimento revolucionário e os seus resultados, poderia servir de propaganda para a Revolução Russa de 1917 e para os próprios movimentos de esquerda. Sobre isso escreveu Junior:

“Pensando no contexto de produção do filme, acreditamos que não havia o interesse dos envolvidos na elaboração de uma obra que se apresenta um movimento camponês organizado e estruturado politicamente através de planos e projetos políticos, até porque isso poderia parecer uma valorização do movimento agrário e dos trabalhadores, o que poderia transmitir uma relação mais forte com a Revolução Russa ou com idéias comunistas. Sem dúvida, essas questões também remetem a maneira com que os Estados Unidos viam e entendiam seu vizinho do sul, pois apesar do filme ter como foco um “herói” mexicano, Zapata estava longe de ser um típico herói hollywoodiano, pois o mesmo constantemente estava atormentado, indeciso e frustrado.”²⁷

E o próprio Zapata aparece em vários momentos insatisfeito e desiludido com os rumos da Revolução:

“A trama do filme leva o espectador a perceber a incoerência do projeto camponês zapatista com as idéias de seus “aliados” e a acompanhar a decepção e angústia do general: incapacitado de fazer valer suas exigências também não

²⁷ JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. *A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema*. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. P 9. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto 2017.

consegue tornar-se um político e acaba tendo de fazer uma opção que, parece perceber, o condenaria à morte.”²⁸

Ou como escreveu Fazio: “Zapata não desiste, mas percebe que os ideais da Revolução estão se perdendo em meio a interesses políticos”.²⁹ Foi uma forma de mostrar que a Revolução não deveria ser um exemplo a ser seguido, muito pelo contrário, afinal, de acordo com a produção cinematográfica, essas Revoluções só trazem morte e sangue, nada que dê para ser aproveitado.

O exemplo a ser seguido obviamente era o dos Estados Unidos, lugar da democracia e onde o povo tem voz, como bem exposto no filme, não a América latina e seus movimentos de caos, selvageria e pobreza.

1.6 O Exército Libertador do Sul: um movimento sem objetivos?

Seguindo a mesma linha de raciocínio da visão pessimista da Revolução Mexicana, temos um discurso desanimador sobre o movimento liderado pelo General Emiliano Zapata, o exército libertador do sul.

A primeira coisa que Fernando Aguirre diz sobre o exército Zapatista foi:
“Que desorganização!”

E esse será o discurso sobre o movimento revolucionário no decorrer do filme: o de desorganizado, aqueles que não têm objetivos claros a seguir, não tem um plano, não sabem pelo que estão lutando. Seriam apenas “selvagens” com armas.

Obviamente não citaram o *Plan de Ayala* criado pelo movimento Zapatista em 1911 expondo os objetivos de luta do exército libertador do sul e isso é muito significativo para o tipo de representação que foi feita no filme dirigido por Kazan, com um discurso altamente negativo.

Não era interessante mostrar um exército camponês organizado, levando em consideração os atos de Elia Kazan com a delação dos ex companheiros de Partido

²⁸ NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. O FILME “VIVA ZAPATA”, MODERNIZAÇÃO MEXICANA E RESISTÊNCIA CAMPONESA EM INÍCIOS DO SÉCULO XX: ALGUMAS QUESTÕES. In: *Raízes*, Vol. 25. Campina Grande: 2006, p. 7. Disponível em : http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_176.pdf acesso em Agosto/2017

²⁹ FÁZIO, Andréa Helena de. Emiliano Zapata: Representações no cinema e na fotografia. In: *Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"*, p.5. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/andrea.PDF> acesso em Julho/2018.

Comunista, não queria fazer propaganda para a esquerda e suas lutas. Para Ernando Junior:

“Pensando no contexto de produção do filme, acreditamos que não havia o interesse dos envolvidos na elaboração de uma obra que se apresenta um movimento campesino organizado e estruturado politicamente através de planos e projetos políticos, até porque isso poderia parecer uma valorização do movimento agrário e dos trabalhadores, o que poderia transmitir uma relação mais forte com a Revolução Russa ou com idéias comunistas.”³⁰

Mas ao mesmo tempo que o filme propaga essa visão pessimista, há também no exemplo de Zapata a “idéia que não morre”, pois mesmo com a morte do General Revolucionário, com o corpo exposto para todos verem, os camponeses não acreditam que seja mesmo Emiliano, o ideal de luta da revolução, seria maior que um homem. Mas mesmo assim, de acordo com a produção cinematográfica, um ideal que não deveria ser seguido, pois só traria desgraças para uma América Latina já falida.

Parte II: A Revolução Mexicana pelos mexicanos, o caso de “Emiliano Zapata”

³⁰ JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. *A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema*. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. P 9. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto/ 2017.

2.1 O “subversivo Emiliano Zapata (1970)”

A produção cinematográfica “Emiliano Zapata” foi lançada em 1970, com a direção do mexicano Felipe Cazals e com a produção de Antonio Aguilar, que também participou como protagonista da trama, interpretando o próprio Emiliano Zapata.

Aguilar, falecido em 2007, foi uma importante estrela mexicana, não só como ator, produtor e diretor, mais também como cantor. Nos cinemas, chegou a interpretar outro General Revolucionário: Pancho Villa, com o filme “*La muerte de Pancho Villa*” (1974).



Figura 5: Pôster do Filme “Emiliano Zapata” (Dir. Felipe Cazals, México, 1970)- No pôster de divulgação do filme, temos Emiliano Zapata, interpretado por Antonio Aguilar, como a figura central, sob um cenário de caos e fogo, com o Exército Zapatista e a questão da terra na parte inferior, representando o ideário do movimento.

“Emiliano Zapata”, o filme, foi uma tentativa do governo mexicano de melhorar sua “imagem” após os acontecimentos do ano de 1968, onde inúmeras pessoas foram

assassinadas por se manifestarem contra o governo, na Praça das Três raças, dias antes do início das Olimpíadas. Ainda segundo Gonçalves:

“o filme coube perfeitamente em uma estratégia geral de legitimação e recuperação da imagem do governo, após os sangrentos acontecimentos de 1968, onde Luis Echeverría, presidente mexicano em 1970, era secretário de Governo e teve uma participação decisiva no desfecho de ataque aos estudantes.”³¹

Sobre o massacre, escreveu a historiadora Sílvia Cezar Miskulin:

“O governo orquestrou o mais duro golpe ao movimento estudantil durante a manifestação de 2 de outubro de 1968 na praça de Tlatelolco. A manifestação contava com a participação não apenas de estudantes, mas de empregados, trabalhadores, donas de casa e boa parte dos membros do *Consejo Nacional de Huelga* e ocorria numa praça cercada por muitos edifícios onde viviam cerca de 80 mil pessoas, cenário que favoreceu a emboscada repressiva já no final do evento (...)O número de estudantes, homens, mulheres e crianças mortas continuam ainda hoje desconhecidos. Segundo o periódico inglês *The Guardian* 325 pessoas foram assassinadas na Praça das Três Culturas. O governo reconheceu oficialmente apenas 35 mortos (...).”³²

Mas apesar do filme ter sido uma tentativa de “propaganda” para o governo, a produção foi censurada, o Zapata de Aguilar foi considerado “subversivo demais” e cenas tiveram de ser cortadas para a aprovação do filme.

O protagonista e produtor da trama, Antonio Aguilar, foi um dos maiores prejudicados com a censura: “Uma bala pode acabar com um, mas a mim me assassinaram lentamente por incompreensão da história do México. Como dizer que Zapata é subversivo? Não! Zapata tinha um ideal, terra e liberdade! Não o compreenderam e me deixaram com minha dívida de 10 milhões de pesos. Foi uma das maiores decepções da minha vida.”³³

Então, percebemos que o governo mexicano tinha um objetivo, não queria propagar um exemplo de “rebeldia” com o filme, mas sim um Zapata mais “contido”

³¹ JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. *A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema*. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. P 11. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto/ 2017

³² MISKULIN, Sílvia Cezar. *As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México*. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória: 2008. P. 5. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia_miskulin.pdf acesso em setembro/2018.

³³ Retirado de: <http://www.proceso.com.mx/209122/antonio-aguilar-y-la-censura-a-su-pelicula-emiliano-zapata-primera-de-dos-partes> acesso em Agosto/2017 (Tradução Própria).

não tão “radical” ou “subversivo” como taxou o personagem interpretado por Aguilar. Um revolucionário “nem tão revolucionário” assim, até porque o movimento Zapatista sobrevive atuando no México.

2.2 Zapata por Antonio Aguilar e Felipe Cazals: “o líder”

Emiliano Zapata é representado nesta produção cinematográfica, como o forte, o decidido, a liderança dos camponeses desde o início. O filme se inicia com Zapata sendo chicoteado, amarrado em um tronco, mostrando as mazelas que os camponeses sofriam por lutar pela questão da terra. Mas apesar de estar com as costas em carne viva e ser ameaçado, Zapata não derrama uma lágrima, mostrando uma expressão de força e determinação em seu rosto.



Figura 6: Cena do Filme “Emiliano Zapata”: Na cena apresentada, vemos Emiliano Zapata e outros camponeses sendo torturados, representado os abusos aos quais os camponeses estavam sujeitos.

Na cena seguinte, Zapata e outros camponeses estão na Secretaria de “Agricultura y Fomento”, para tratar do roubo das terras camponesa. E Zapata, se portando como o líder da pequena comitiva, faz um discurso para o funcionário da casa que os ironizava, dizendo o seguinte:

“os *hacendados* não respeitam seus direitos e roubam suas terras (...) que os camponeses para não passarem fome, trabalham como peões para essas *haciendas*, dessa forma os grandes

senhores ficam com a terra e com os homens que nela trabalham (...) E que as novas leis querem legalizar o roubo que os *hacendados* fizeram com os indígenas.”

Emiliano Zapata participa de reuniões com os camponeses, planejam os próximos passos do movimento e aos 16 minutos de filme, Zapata já aparece liderando seu exército, a base do que seria o Exército Libertador do Sul, de forma centrada e amadurecida, sem conflitos pessoais “atrapalhando”.

Mesmo quando provocado por D. Felipe (um *hacendado*), o Chefe revolucionário não cai na armadilha, mantendo sua concentração, respondendo que ali “não era lugar para responder a provocações”, mostrando o quanto estava empenhando na causa da reforma agrária.

Neste filme, Josefa aparece tentando ajudar Zapata, avisa- o que o perseguirão e que seria melhor que fugisse, está apaixonada por ele, mesmo na sua condição de camponês. Quando a *hacienda* da família de Josefa é atacada, por Zapata e seus companheiros, a mulher prefere ficar a fugir com os seus, chegando a ser esbofetada por seu tio, por “escolher Zapata”. Josefa e Zapata acabam se casando, com o juiz do casamento sendo ameaçado pelos camponeses, para realizar os ritos.

A partir deste ataque bem sucedido, de outros também, Emiliano Zapata vai se tornando cada vez mais popular entre o povo, sendo saudado pelas multidões por onde passa, com gritos de ”Viva Zapata!” .

Ao encontrar-se com Francisco Madero, Zapata argumenta sobre a questão da recuperação das terras camponesas, dizendo que seria não pelo meio constitucional que a reforma agrária conseguiria ser feita, mas apenas pela força, através das armas e do confronto com os *hacendados*. Madero replica dizendo que “chegou à hora de manter a calma, que Zapata fez com mérito o que fez, mas é hora de manter a calma e que dará a ele, uma *hacienda*, fazendo o General se revoltar, pois não entrou na revolução para se tornar um *hacendado*”.

Mostrando assim sua “moral intacta”, que não se deixa corromper por bens materiais e promessas de enriquecimento. Outro exemplo do “senso de justiça” que Zapata demonstra, é quando um funcionário de Madero diz que o Líder Revolucionário poderia pedir o que quisesse, que seria atendido. Zapata pede a quantia de 500 pesos, mas não fica com o dinheiro para o benefício próprio, mas distribui o valor entre os familiares que perderam seus parentes durante os conflitos.

Ao saber da traição de Victoriano Huerta, Zapata diz que avisou Madero do caráter duvidoso de Huerta, de que era propenso a traição. Pascual Orozco vai ao encontro de Zapata, a mando de Huerta, e oferece o cargo de Governador do Estado de Morelos, para o General do Exército Libertador do Sul e mais um “prêmio”: uma *hacienda* em troca da deposição das armas. Zapata recusa o “acordo” fazendo o seguinte discurso: “Enquanto as terras não estiverem nas mãos dos camponeses, seguiremos lutando”.

Então, percebemos que a construção da personagem, foi feita para representar um líder corajoso, que está realmente preocupado com a causa camponesa, alguém que não se deixa subornar.

Mas também mostra um lado sombrio de Zapata, um lado intolerante, que não aceita opiniões contrárias as suas como acontece com o caso do seu compadre, que ao discordar de Emiliano, ponto que trataremos melhor em outro tópico, acaba sendo assassinado, tendo Zapata dito a seguinte frase: “que não precisa mais dele para nada, que já está cansado dele” e em seguida que “ele não o fuzila, mas sim a Revolução”.

Após isso, o compadre é fuzilado pelos soldados Zapatistas com o general assistindo a tudo. Percebemos então, que a personagem vai se tornando mais raivosa, certo de que apenas suas idéias, são as certas para a continuidade e sucesso do processo revolucionário. Assistimos a um Zapata cada vez mais cansado e solitário.

Já para o fim da trama, temos a figura do Coronel Jesus Guajardo que diz querer se juntar ao movimento Zapatista. Em reunião com os Chefes do movimento, um Zapatista diz não concordar com um encontro entre Zapata e Guajardo, mas o General diz precisar desse apoio oferecido (gente e armas).

Logo eles decidem pedir um teste para o Coronel Guajardo, que prepara uma verdadeira encenação para enganar os Zapatistas, fuzilando alguns soldados federais para fingir lealdade ao General do Exército Libertador do Sul, que acaba acreditando nas “boas intenções” do Coronel, marcando um encontro com o mesmo para que o armamento oferecido seja entregue e para que planejem juntos, os próximos passos da Revolução.

O ponto de encontro é Chinameca, Morelos, onde Zapata vai “animado” em busca do apoio oferecido, confiante que o armamento ajudaria na continuidade da luta pela reforma agrária, mas o que acaba encontrando é uma armadilha.

Zapata se “despede” da família, mesmo sem saber, seguindo rumo ao encontro com Guajardo, mantém o controle de suas emoções, contempla sozinho as montanhas

da região e sozinho segue ao ponto de encontro ao som de uma música fúnebre que já prepara o telespectador para o que virá: a morte do protagonista.

Emiliano Zapata é fuzilado, com inúmeros disparos. A cena é fortíssima e bem longa, cerca de um minuto em que contemplamos o corpo do General ser perfurado por centenas de balas.

Os soldados Federais obrigam os camponeses em fila, a olhar o corpo de Zapata, como o herói em que o exemplo não deve ser seguido. Percebemos então, que a personagem Emiliano Zapata é construída no decorrer do filme, como exemplo de coragem, bondade, lealdade, força e obstinação, mas alguém que também tem um lado “não tão bom” assim, sendo intolerante e radical em alguns momentos.

2.3 Exército Libertador do Sul: “Bandidos?”

Uma das grandes preocupações do filme foi à questão dos revolucionários zapatistas serem taxados de “bandidos”. Paulino Martínez é uma personagem de destaque neste ponto, professor, considerado um “agitador” pelo governo.

Paulino Martínez chega a dizer em uma das cenas, que para não serem acusados de bandidos, é necessário um programa bem definido, onde os principais objetivos do movimento seriam expostos. O Professor defende muito mais o diálogo, enquanto os camponeses querem fazer por si mesmo a repartição de terras, através das armas se necessário. Um exemplo disso é quando Martínez decide ir procurar Francisco Madero, mas um camponês do movimento revolucionário o avisa, que se não retornasse em um mês, se levantará em armas.

Eis que acontece o ataque Zapatista nas terras da família de Josefa, os camponeses roubam e queimam o lugar, os funcionários da *hacienda* são assassinados. Um soldado revolucionário inclusive, chega a atirar várias vezes sobre um corpo já enforcado, mostrando um lado “selvagem do mexicano”, ponto que discutiremos em um próximo tópico.

Ao voltar, o Professor Martínez fica assustado com o cenário que encontra: de morte e roubo, pede a um outro líder revolucionário que controle seus homens, os acusando de ladrões e violadores:

PROFESSOR MARTÍNEZ: “Mortos de fome sem ideias, só sabem matar e roubar!”

ZAPATA: “Sim, somos todos mortos de fome!”

PROFESSOR MATÍNEZ: “fome de roubar e de matar!”

ZAPATA: E daí?! Que outra fome nos deixaram?”

Ao que entendemos que Emiliano estava dizendo que durante todos esses anos, os camponeses vivenciaram a fome e a morte, que só “conseguem devolver o mesmo que receberam”.

Paulino Martínez resolve deixar o movimento, o que deixa Zapata sentido, mas manda avisar a todos que é proibido o roubo, mesmo o de uma galinha, o que mostra que as palavras do Professor fizeram efeito sobre ele.

Ao ler o jornal o “imparcial” que continha injúrias sobre ele e o movimento Zapatista, o General Revolucionário deixa os seguintes questionamentos:

“o que faz mais dano: as valas (sepulturas) ou as calúnias?” e “qual a diferença entre o que luta pelos seus e um bandido?”.

A partir dessas perguntas, Zapata manda reunir todos os chefes revolucionários e responde que a diferença entre o bandido e o que luta pelos seus:

“é que o bandido tem que matar e roubar para nada, porque é bandido, o outro não. O outro traz um pensamento de necessidade muito grande e não que queira roubar e matar, mas tem que matar e roubar para buscar resolver esse pensamento de necessidade tão grande, luta por muitos, que registrem que não são bandidos e não vão depor as armas até que se dividam as terras que são de direitos.”

Então, percebemos que Zapata não quer que seu movimento seja taxado de “bandidos” e “sanguinários”, que matam por matar ou roubam por simplesmente roubar, fazem isso em busca de um objetivo maior: a reforma agrária.

Em seu discurso, o líder diz ainda que pra eles

“não é prazeroso ficar lutando e guerreando, que gostariam que tudo acabasse logo para voltarem a trabalhar em paz.”

Ou seja, não estariam interessados em prolongar o confronto, só querem voltar a trabalhar em suas terras. E para comprovar que não são meros “bandidos” Zapata lança o *Plan de Ayala*, que mostra que o Exército Libertador do Sul, tem objetivos pelos quais lutam, não são um bando desorganizado com sede de sangue. Na ocasião mais um discurso:

ZAPATA: “somos conhecidos como bandidos do sul, mas não somos bandidos, somos homens com Deus e com lei, com Deus porque não tememos a nada, e com lei porque aqui está escrito prometemos lutar e sacrificar nossas vidas pelos ideais ali escritos (...) que as terras, montes e águas serão apropriados em benefício dos camponeses.”

Zapata termina o caloroso discurso prometendo “vencer ou morrer” pelo *Plan de Ayala*, sendo ovacionado pela multidão ali presente.



Figura 7: Cena do Filme “Emiliano Zapata”- Zapata apresenta o *Plan de Ayala* para os seus soldados.

Há uma grande preocupação nesta produção cinematográfica de representar um movimento revolucionário organizado, de um Zapata “pensante” e atuante na causa da reforma agrária, que combate o rótulo de bandidos a quem são ligados a todo o instante. Não por acaso o caráter do General é testado durante vários momentos no filme, em que são prometidas terras, poder e dinheiro por exemplo, em troca do desarmamento do Exército Libertador do Sul, ao que Zapata sempre recusa dizendo

“enquanto as terras não estiverem nas mãos dos camponeses, seguiremos lutando.”

Não luta por si mesmo, mas pelo bem maior de todos, demonstrando sua “fibra moral e ética”, apesar do estereótipo que recebe dos inimigos. Outra demonstração dessa preocupação foi citarem a convenção de *Aguascalientes* de 1914, e de como todos aderiram ao *Plan de Ayala*, fazendo os objetivos do plano ainda mais legítimos, um dos soldados diz ainda que: “todo o país é Zapatista!”.

Então, percebemos que o filme tentou representar um Zapatismo organizado que tinha objetivos a cumprir, objetivos esses materializados em um Plano de ação, adotado por vários outros movimentos, cujo ideal central era: terra e liberdade, um ideal entendido como ancestral, nascido com a conquista da América. Um ideal pelo qual a protagonista da trama, o General Emiliano Zapata, estava disposto a lutar e morrer

custasse o que custasse, afinal o bem comum dos camponeses desapropriados de suas terras, era o mais importante.

2.4 México e Selvageria: o estereótipo do mexicano

Um ponto marcante do filme é a tentativa de se afastar do estereótipo ao qual se atribui ao mexicano e muitas vezes os latinos americanos de forma geral: irracionais, selvagens que só pensam em sexo e álcool, principalmente em produções cinematográficas dos Estados Unidos. Sobre essa questão de como o mundo nos representa e como nós (latino americanos) nos representamos, escreveu Miriam de Souza Rossini:

“Basicamente o que se mostra são os traços do subdesenvolvimento, do exotismo e da não-modernidade. No entanto, quando olhamos também para os filmes produzidos por latino-americanos, vemos que também a forma como nos representamos coincide, na grande maioria das películas, com aquele olhar do “outro” sobre nós. Somos sociedades estratificadas, de desenvolvimento desigual, com pobreza e riqueza convivendo juntas, mas nem sempre estas representações cinematográficas feitas sobre a cultura e o espaço latino-americanos são suficientemente problematizadas, ou apresentadas, pela nossa cinematografia.”³⁴

Nesta produção mexicana temos como já citado no tópico anterior, a figura do Professor Paulino Martinez, ao ver o resultado de um ataque Zapatista, os acusa de mortos de fome sem idéias, que só pensam em matar e roubar, Emiliano argumenta então que isso é resultado de anos de exploração, ou seja, não seria algo intrínseco ao mexicano. Os camponeses devolvem o que receberam todos esses anos: roubo e sangue.

Mas Zapata dá uma resposta a isso: tenta “disciplinar” seus soldados, proibindo o roubo e também o estupro, chega a certo momento a punir fisicamente um soldado que tentava abusar sexualmente de uma mulher de uma das cidades conquistadas pelo Exército Libertador do Sul.

Apesar da tentativa de se afastar dessa “imagem” do mexicano, o filme ainda cai no “mais do mesmo” em alguns momentos, como na “festa de casamento” de Zapata e

³⁴ ROSSINI, Miriam de Souza. O que mostramos de nós? A América Latina nas Telas. In: *Sessões do Imaginário (FAMECOS/PUCRS)*, n°7. Porto Alegre: dezembro de 2001, p. 2. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/760/571> acesso em 22/10/2018.

Josefa, onde o sexo e a bebida sem limites imperam, além da cena que um camponês já bêbado, atira várias e várias vezes em um corpo enforcado, provavelmente de algum funcionário da *hacienda* conquistada, que já tinha sido assassinado no momento do ataque.

O próprio Zapata, apesar do bom caráter, é representado também como alguém que tem seu lado violento, como no exemplo do assassinato do compadre Otílio, que por contestar as decisões do General, acaba “fuzilado pela revolução”, nas palavras do líder Revolucionário, num claro momento de “ou você está comigo, ou está contra mim”, ou seja, não há um meio termo.

Outro ponto marcante muitas vezes atribuído ao mexicano/indígena é o de traidor, que no filme é encarnado por Jesus Guajardo que apesar de dizer que sua família é campesina e que reconhece a luta Zapatista, é ele o “Judas” que leva Zapata à emboscada e consequentemente, a sua morte.

Então, a produção cinematográfica tenta criar a imagem de um mexicano injustiçado, corajoso, forte e decidido, se usando principalmente da figura de Emiliano Zapata para construir essa imagética, mas ainda cai no velho estereótipo do “selvagem” em muitos momentos.

2.5 Zapata e Villa: O Sol do Sul e o Sol do Norte

Um ponto de destaque do filme é o encontro entre os dois Generais mais populares da Revolução Mexicana: Emiliano Zapata e Francisco “Pancho” Villa. E esse encontro se dá após a Convenção de *Aguascalientes*, quando os outros movimentos revolucionários aderem ao *Plan de Ayala*, produzido pelos Zapatistas.

Zapata e Villa estão banquetecendo juntos, otimistas com o andamento da revolução, quando Emiliano diz estar parecendo um sonho, pois com o apoio de Villa:

“o dia em que todo o camponês terá um pedaço de terra, está próximo.”

E Zapata diz ainda, para Eulálio Gutierrez (eleito presidente provisório pela Convenção de *Aguascalientes*), que eles não lutam por cargos públicos, mas pela a reforma agrária, ao que Villa concorda.

Apesar de uma breve participação, a aparição de Villa foi bastante simbólica, o filme construiu toda uma cena de irmandade e união entre os dois Generais, apelidados na produção Mexicana de “Sol do Sul e Sol do Norte.”

Zapata e Pancho Villa são aqui representados como líderes que se importam antes de tudo, com o bem comum, daí a declaração de Zapata para Gutierrez durante o banquete de comemoração. Não há ambição de conseguir benefícios próprios, muitas vezes oferecidos a Zapata no decorrer da trama, sobretudo terra e poder. E Villa também vai de encontro a isso, quer a repartição de terras para todos, igualmente se compromete a fazer da sua vida, a bandeira pela luta de terra e liberdade.

2.6 A visão otimista da Revolução Mexicana

Apesar de a produção cinematográfica ter sido censurada pelo governo mexicano, por considerar o filme “subversivo demais” e cenas terem sido cortadas na tentativa de diminuir essa “subversão” apresentada com Zapata e ser Exército Libertador do Sul, temos uma tentativa de trazer uma visão otimista dos resultados obtidos com a revolução Mexicana. Logo nos primeiros segundos da trama, o narrador diz:

“A luta de Zapata na Revolução não foi em vão, mais de 70.000 hectares de terras foram divididas para os camponeses. Realizou uma profunda reforma agrária.”

Ou seja, o movimento Zapatista trouxe mudanças significativas para a história do México, conseguiu, pelo menos em parte, cumprir o seu objetivo principal: a repartição das terras para os camponeses.

E o filme criou uma narrativa para legitimar a luta Zapatista, apresentando em vários momentos, as péssimas condições de vida na qual estavam os camponeses, além das torturas, como no caso do próprio Zapata e outros camponeses no início do filme, colocados em troncos, sendo chicoteados por essas idéias de “repartir terras”.

E a questão do roubo de terras por parte dos *hacendados*, as torturas e assassinatos aos camponeses são uma constante na produção cinematográfica, principalmente para reforçar o lema do movimento revolucionário: não só a reforma agrária, mas alcançar a tão sonhada liberdade.

No início do filme, Zapata conversa com um *hacendado*, D. Felipe, que desdenha do movimento:

“o que poderão fazer esses pobres garotos contra Porfírio Dias? (...) Só conseguirão uma Revolução ineficaz e sangrenta.”

Ao que Emiliano responde que não somente o nome de Francisco Madero fará as pessoas se levantarem em armas, mas todo esse tempo de mortes, roubos e injustiças. Outro ponto importante de legitimação para essa visão positiva da luta revolucionária foi à preocupação de adicionar o *Plan de Ayala* à trama, para representar um grupo organizado e não bandidos selvagens, como já analisado em outro tópico.

Mas esse olhar otimista sobre a Revolução Mexicana vai diminuindo até ser colocado em dúvida nos minutos finais da produção mexicana, começando com Compadre Otílio questionando o general que

”Tantos anos lutando e o que temos conseguido? Estamos morrendo como moscas, esse não é caminho.”

Colocando nesta fala, o peso das milhares de mortes durante o processo revolucionário. O que leva Zapata a acusar de traição e ordenar seu fuzilamento. A partir deste momento do filme, Emiliano Zapata vai demonstrando cada vez mais cansaço e um certo ar de desânimo. Diz a Josefa estar ficando “sozinho”, pois

“uns se casam, outros morrem ou o traem. Que é mais pesado do que pensava, ter uma idéia e lutar por ela, a terra para quem trabalha.”

O Zapata entusiasmado e convicto do seu ideal no início do filme, já não era o mesmo. Então, a produção cinematográfica representou até certo momento, uma visão otimista sobre a Revolução Mexicana e o Movimento liderado pelo General Emiliano Zapata, o Exército Libertador do Sul. Mas também colocou em dúvida tudo isso, ao colocar em cheque o número de mortos no confronto, ou seja, será que teria mesmo valido a pena? E com o próprio líder revolucionário desmotivado, reforçou essa idéia, de que até mesmo o grande Zapata, foi capaz de esmorecer.

Conclusão:

Após análise dos filmes “Viva Zapata” (1952) e “Emiliano Zapata” (1970), percebemos que as produções trazem representações bastante distintas em determinados pontos, como por exemplo, a forma como a personagem Emiliano Zapata é apresentada.

No caso do filme dos Estados Unidos, Marlon Brando interpreta um Zapata que não deseja a princípio, ser um líder, está cheio de dúvidas e conflitos internos, seu maior desejo não é participar de um Movimento Revolucionário, mas realizar seus sonhos pessoais, como casar com Josefa. Interessa-se no início, em conseguir um bom emprego para ter o *status* necessário para o matrimônio, a luta pela reforma agrária fica em segundo plano.

A produção cinematográfica mexicana trouxe um Zapata oposto ao de Kazan, um Zapata líder desde o começo, onde a repartição de terras e a liberdade dos camponeses aparecem como sua maior preocupação. É um Zapata muito mais engajado no movimento, mais maduro e disciplinado que o de Brando.

Enquanto no filme dirigido por Kazan o Exército Libertador do Sul são um bando desorganizado, sem objetivos a cumprir. Os soldados são índios selvagens, preguiçosos que só pensam em roubar, comer, dormir e matar como é típico das obras cinematográficas produzidas pelos Estados Unidos, que também costumam destacar bem a sua “superioridade” em relação ao México e a América Latina de forma geral. E neste filme não foi diferente, os EUA foi representado como o lugar da democracia, onde o povo tem vez e voz, discurso esse colocado como de contraste em relação ao México, onde nada disso funcionaria, é lugar da barbárie. Não interessava ao país de produção e ao próprio diretor, apresentar um Exército Camponês organizado, com uma intenção legítima de reforma agrária, por isso nem se menciona o *Plan de Ayala*.

Como dito no capítulo 2 deste trabalho, a produção mexicana foi uma tentativa do governo para melhorar sua imagem após o massacre de 1968, então percebemos o interesse de mostrar um movimento Zapatista organizado, um movimento legítimo que tinha planos e metas a cumprir em prol da reforma agrária, não por acaso o filme deu amplo destaque para o *Plan de Ayala*, sobre isso escreveu Ernando Brito Gonçalves Junior:

“Sem dúvida, a concepção do “Plan de Ayala” adquire uma grande importância na narrativa do filme, tornando-se uma cena chave para entendermos o discurso presente no mesmo. A cena em questão dramatiza a criação desse importante documento como resultado intelectual e de análise político de Zapata. A cena mostra um Zapata inspirado ditando algumas premissas chaves do Plano, consciente de toda carga política e social de seus argumentos, quiçá prevendo o que seria as bases para uma nova nação. Zapata não aparece atormentado pelo analfabetismo, como em “Viva Zapata”, além do mais, ele será o primeiro a assinar o plano, sabendo de sua relevância e significado histórico de seu ato.”³⁵

Em “Emiliano Zapata”, os soldados não são bandidos, o Zapata de Aguilar faz questão de frisar isso com a escrita e apresentação do Plano de combate, são “homens com Deus e com lei”, não índios que vivem no ócio.

Mas apesar disso, não podemos esquecer que a obra foi censurada pelo próprio governo mexicano, que achou o exemplo de Zapata subversivo demais, sobretudo se levar em consideração que ainda hoje o movimento Zapatista é ativo, não queriam esse exemplo de Zapata sendo propagado

Outro ponto de destaque nessa comparação entre a produção dos EUA e a do México é a visão propagada de Revolução Mexicana, é bem notória a tentativa de Kazan de levar um discurso pessimista do processo revolucionário, sobretudo por toda a experiência de delação dos colegas de Partido Comunista e do movimento de “caça aos comunistas que estava acontecendo no país.

Em várias cenas do filme estrelado por Brando, temos essas falas que fazem o telespectador questionar-se a validade da revolução, o próprio General Francisco “Pancho” Villa é apresentado como desacreditado do processo revolucionário, com o discurso propagado no filme, à mensagem que fica é “O que de fato mudou com a revolução?”, se até mesmo o próprio Zapata se corrompeu em certo momento e Pancho Villa não acredita mais no movimento.

O caso mexicano é diferente, no início da trama há um discurso do narrador que legitima a luta zapatista e os seus ganhos com a reforma agrária. É no decorrer do filme que a coisa muda e o próprio Zapata se cansa e diz ser difícil lutar pelo ideal de terra e liberdade, ao qual dedicou sua vida.

Portanto, ao mesmo tempo que o filme mexicano tenta ser diferente, mudar a representação da própria Revolução Mexicana em si, em diversos momentos cai no

³⁵ JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. *A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema*. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. P 12. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto 2017.

“mesmo”, como na análise aqui feita no capítulo 2 sobre os estereótipos do mexicano e do latino americano de forma geral, que segue o velho discurso do latino que adora “álcool, mulheres e violência”, ou seja, uma reprodução do que já era apresentado.

O cinema foi o meio utilizado para propagar tais discursos, tais valores e preconceitos, pois como discutimos aqui, os filmes não são isentos de ideologia, tal como no exemplo de “Viva Zapata”, onde se propagou um discurso de superioridade dos Estados Unidos em relação à América Latina, lugar de pobreza e caos.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BATALLA, Guillermo Bonfil. *El concepto de indio em América: Una categoria de La situación colonial*. In: *Anales de Antropologia*. México: 1972, p 110. Disponível em: http://www.journals.unam.mx/index.php/antropologia/article/view/23077/pdf_647 acesso em 12/2016.

CACOFF, Leon. Gabriel Figueroa: o mestre do olhar. São Paulo: Edição da 19ª Mostra Internacional de Cinema, 1995.

DE FAZIO, Andréa Helena Puydinger. Entre Cinema e Política: repensando a autoria de Viva Zapata!, de Eliz Kazan. In: Domínios da Imagem, N 9. Londrina: 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23382/17078> acesso em Março de 2018.

FÁZIO, Andréa Helena de. Emiliano Zapata: Representações no cinema e na fotografia. In: Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior". Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/andrea.PDF> acesso em Julho/2018.

FÁZIO, Andréa Helena de. Viva Zapata!, de Elia Kazan: um olhar norte americano sobre a América Latina durante o período marcartista (1950-1954). In: Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória:2008. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/andrea_fazio.pdf acesso em Agosto/2017.

FERRO, M. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

FLORENCIO, Sergio. Os Mexicanos. São Paulo:Contexto, 2014.

HERZOG, Jesus Silva. *Breve Historia de La Revolucion Mexicana. México: Fondo de Cultura Económica*, 1997.

JUNIOR, Ernando Brito Gonçalves. A Revolução Mexicana em tela: Construções do Imaginário através do cinema. VII Encontro Internacional de História, Paraná: 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1476.pdf> acesso em Agosto 2017.

KNIGHT, Alan. *La Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

MISKULIN, Sílvia Cezar. As repercussões do movimento estudantil de 1968 no México. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória: 2008. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/silvia_miskulin.pdf acesso em setembro/2018.

MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. Identidades brasileiras: composições e recomposições [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h5jt2/pdf/rodrigues-9788579835155-03.pdf>> acesso em 22/08/2017.

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. O FILME “VIVA ZAPATA”, MODERNIZAÇÃO MEXICANA E RESISTÊNCIA CAMPONESA EM INÍCIOS DO SÉCULO XX: ALGUMAS QUESTÕES. In: Raíces, Vol. 25. Campina Grande: 2006. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_176.pdf acesso em Agosto/2017

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O poder das Imagens: Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945). São Paulo: Alameda, 2012.

RAMOS, Alcida Rita. Indigenismo: um orientalismo americano. Anuário Antropológico. 2012. Disponível em: <https://aa.revues.org/268> acesso em 12/2016.

ROSSINI, Miriam de Souza. O que mostramos de nós? A América Latina nas Telas. In: Sessões do Imaginário (FAMECOS/PUCRS), nº7. Porto Alegre: dezembro de 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/760/571> acesso em 22/10/2018.

WOMACK, John Jr. Zapata y la Revolución Mexicana. México, SXXI, 1969